A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais

Lívia Botelho Félix[*], Maria de Fátima de Souza Santos[**]

Resumo

A velhice tem se imposto como um marco importante do ciclo da vida, constituindo objeto de políticas públicas, pesquisas científicas, fenômeno das conversas cotidianas e da mídia. Buscou-se investigar as representações sociais da velhice a partir do discurso veiculado em textos jornalísticos. Foram selecionadas 231 matérias publicadas na *Folha de São Paulo* e *Jornal do Commercio,* no período de janeiro a junho de 2009, que faziam referência ao tema. As informações encontradas foram categorizadas por meio do *software* Alceste, e submetidas à análise de conteúdo. A análise realizada pelo Alceste reuniu os discursos em dois eixos principais, sendo o primeiro relativo às ações e práticas do governo e da ciência dirigidas aos idosos, e o segundo às experiências vivenciadas por estes. Os resultados apontam para a circulação de representações da velhice como um período eminentemente marcado por perdas, objetivada na busca por remediá-las, assim como para um processo de mudança no modo de concebê-la, ancorando-se ora em aspectos biológicos, ora em aspectos sociais. A ampla cobertura da mídia escrita sobre o tema ratifica o papel da comunicação social na construção e difusão de representações sociais.

Palavras-chave: Envelhecimento. Mídia. Representação social. Velhice.

Introdução

O crescente envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade e, concomitantemente, um grande desafio do século XXI, uma vez que representa o resultado de uma história de sucesso das políticas de saúde pública, mas, ao mesmo tempo, gera também, em caráter universal, um aumento das demandas sociais e eco-

[*] Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Endereço para correspondência: Rua Azeredo Coutinho, 120 – Bloco 8, Apt. 201, Várzea, CEP 50741-110. Recife – PE. E-mail: liviabotelhofelix@hotmail.com.

[**] Doutora em Psicologia pela Université de Toulouse le Mirail (França), professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Desenvolve trabalhos de pesquisa na área da psicologia social. E-mail: mfsantos@ufpe.br

↳ Recebido em março de 2011 – Avaliado em março de 2011.

↳ doi:10.5335/rbceh.2011.035

nômicas. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002 apud ARAÚJO; COUTINHO; SALDANHA, 2005), o processo de envelhecimento constitui um fenômeno que já é realidade nos países desenvolvidos, principalmente no continente europeu, já se fazendo presente na inversão populacional dos países em desenvolvimento, como o Brasil.

De acordo com Santos e Belo (2000), esse fenômeno seria provocado pelo aumento da esperança de vida e pela diminuição dos índices de natalidade. O desenvolvimento da medicina e da higiene, a descoberta de novos medicamentos e terapias, a implantação de políticas de controle da natalidade, a inserção da mulher no mercado de trabalho e a nuclearização das famílias são apontadas pelas referidas autoras como alguns dos fatores explicativos, pois levariam à diminuição dos índices de mortalidade e do número de filhos.

Nesse contexto, Uchôa, Firmo e Lima-Costa (2002) apontam para a necessidade de buscar soluções que incluam a questão do envelhecimento dos brasileiros como um elemento essencial na elaboração de novas políticas e nas investigações científicas do novo milênio, garantindo, assim, uma sobrevivência digna para aqueles que tiveram sua vida prolongada.

Segundo Almeida e Santos (2002), a velhice tem se imposto como um marco importante do ciclo da vida, tornando-se um objeto de políticas públicas e de pesquisas científicas, bem como fenômeno das conversas cotidianas e da mídia.

Dentre as pesquisas interessadas na velhice, evidenciam-se as realizadas no âmbito da psicologia social e da psicologia da personalidade, que, nas últimas décadas, têm desenvolvido microteorias contemplando o tema. Nesse contexto, ambas contribuem para o entendimento dos diversos fatores intrínsecos ao processo de envelhecimento, possibilitando a emergência de intervenções psicossociais que possibilitem melhores condições de vida ao idoso (NERI, 2002 apud ARAÚJO; COUTINHO; CARVALHO, 2005).

De acordo com Minayo e Coimbra Jr. (2002), os seres humanos nas diversas sociedades constroem práticas e representações distintas acerca da velhice (assim como das demais fases do desenvolvimento), bem como sobre a posição social dos idosos na comunidade e o tratamento que os mais jovens concedem a esses. Ou seja, uma vez que as várias etapas da vida são social e culturalmente construídas, faz-se necessário compreender a forma como a sociedade organiza a estrutura, as funções e os papéis de cada grupo etário específico, para se entender o lugar social dos idosos.

O final do século XIX e início do século XX foi um período marcado por estudos supostamente fundamentados na lógica darwiniana, muito difundidos na época, e que negavam a possibilidade de desenvolvimento durante a velhice. Esse modo de pensar o processo de envelhecimento é ilustrado nas teorias sustentadas pela psicologia do desenvolvimento no século XX, que desconsideravam o envelhecimento e a velhice como processo e fase do desenvolvimento, e enfatizavam como objeto de estudo a infância e adolescência (MACIEL; TAAM, 2007; NERI, 1995).

À "centralidade ocupada pela infância e adolescência nas teorias do desenvolvimento está subjacente a idéia de que as possibilidades de desenvolvimento desaparecem com o envelhecer, já que essa é uma fase de desorganização crescente" (ALMEIDA; SANTOS, 2002).

Entretanto, o fato desses temas (desenvolvimento e envelhecimento) tornarem-se atualmente objetos de investigação científica não implicou a abolição total das antigas concepções sobre o envelhecimento. Ou seja, marcas no pensamento coletivo persistem até hoje, mesmo com o surgimento de novos estudos contrários àquelas teorias do início do século passado (NERI, 1995; MACIEL; TAAM, 2007).

Na nossa sociedade, o desenvolvimento de instâncias voltadas para o cuidado com a população idosa foi motivado pela transformação no modo de se pensar a velhice: esta, predominantemente tratada como um problema social, passa a ser concebida como uma questão pública. Nessa perspectiva, os aspectos positivos do crescimento da população idosa são evidenciados, atribuindo-se novos significados a uma fase tradicionalmente relacionada à decadência física, inatividade e aposentadoria. Para tanto, a ênfase recai sobre as mudanças que o envelhecimento populacional provoca na reorganização do poder, do trabalho, da economia e da cultura, não somente sobre os custos sociais e econômicos comumente conferidos a esse grupo (MINAYO; COIMBRA JR., 2002).

Ressalte-se, ainda, que o envelhecimento não é um processo homogêneo, pois cada indivíduo vivencia-o de uma determinada forma, levando em consideração sua própria história, bem como os aspectos de ordem estrutural a ele relacionado, tais como condições econômicas, educação, saúde, gênero e etnia, entre outros. Por se tratar de um constructo sócio-histórico multifacetado socialmente relevante, a velhice emerge como um objeto passível de ser estudado à luz da teoria das representações sociais (TRS).

A TRS ocupa-se do estudo de um fenômeno específico e delimitado: as teorias do senso comum, ou seja, as representações sociais. O trabalho de representação consiste em amenizar o caráter de estranheza de um dado objeto, em introduzi-lo no espaço do comum, do habitual, provocando a aproximação de concepções, de "expressões separadas e díspares que, num certo sentido, se procuram" (MOSCOVICI, 1978, p. 61).

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são criadas pela necessidade de saber como se ajustar, se comportar no mundo, dominando este física ou intelectualmente, assim como identificar e resolver os problemas que se apresentam: "Sempre há necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta" (JODELET, 2001, p. 17).

As representações sociais são importantes porque guiam o modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade cotidiana, interpretando-os e possibilitando tomar decisões e posicionar-se diante deles. Sendo assim, podem ser observadas em múltiplas ocasiões, visto que circulam nos discursos, são veiculadas em mensagens e imagens midiáticas e cristalizadas em condutas e organizações materiais e espaciais. Ao mesmo tempo, se apoiam em valores variáveis segundo os grupos

sociais de onde tiram suas significações, e em saberes anteriores, os quais são relembrados por uma situação social específica (JODELET, 2001).

As instâncias ou substitutos institucionais e as redes de comunicação informais ou da mídia são fatores determinantes na construção representativa, uma vez que abrem caminho a processos de influência e de manipulação social, intervindo, dessa maneira, na elaboração das representações. Assim, destaca-se a importância da comunicação social, que, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, emerge como condição de possibilidade e determinação das representações sociais (JODELET, 2001).

Nesse sentido, surge o interesse em se analisar o discurso veiculado na mídia jornalística sobre o tema envelhecimento. Pretende-se investigar os conteúdos e os processos psicológicos e sociais subjacentes às representações sociais da velhice através da maneira como esta vem sendo abordada nos textos jornalísticos.

Materiais e métodos

Sujeitos: Todas as matérias dos jornais *Jornal do Commercio* e *Folha de São Paulo*, que possuíam referência à "velhice", veiculadas de janeiro a junho de 2009. Postula-se que, por constituir um período recente, possibilitam o acesso a dados mais atuais sobre o tema. O *Jornal do Commercio* tem sede em Recife e constitui o jornal de maior circulação no estado de Pernambuco; a *Folha de São Paulo* é editada na cidade de São Paulo e é considerada o jornal de maior circulação e influência no Brasil.

Instrumentos: Matérias coletadas eletronicamente no período já explicitado, bem como *software* Alceste, versão 4.9. (IMAGE, Toulouse, França). O Alceste analisa os conteúdos textuais organizando e sumariando as informações consideradas significativas em um dendrograma, produto de uma classificação hierárquica descendente dos grupos de palavras.

Procedimentos: Foi realizada uma busca nos referidos jornais, a partir das palavras-chave *velho, velha, velhos, idoso, idosos, idosa, idosas, velhice, envelhecimento e terceira idade.* Assim, a partir de cada um desses termos indutores, uma série de matérias foi disponibilizada pelo sistema de buscas. Após leitura de seu conteúdo, foram selecionadas aquelas que tratassem ou fizessem referência ao tema em questão. No total foram selecionadas 231 matérias, das quais 98 do *Jornal do Commercio*, e 133 provenientes da *Folha de São Paulo*. As informações encontradas foram analisadas por meio do Alceste e submetidas a uma análise de conteúdo.

Resultados e discussão

A análise realizada pelo Alceste indicou a presença de seis classes temáticas, agrupadas dentro de dois eixos principais, cada um subdivido em três classes. O primeiro eixo reúne os discursos relativos às ações e práticas do governo e da ciência dirigidas aos idosos e agrupa as classes 1, 3 e 6. O outro eixo, por sua vez, agrupa as classes 2, 4 e 5 e está mais diretamente relacionado a experiências vivenciadas durante a velhice.

ALCESTE

CLASSE 1 (26,61%)		CLASSE 3 (21,58%)		CLASSE 6 (9,49%)		CLASSE 2 (17,52%)		CLASSE 4 (12,19%)		CLASSE 5 (12,60%)	
Palavras	Chi²	Palavras	Chi²	Palavras	Chi²	Palavras	Chi²	Palavras	Chi²	Palavras	Chi²
Risco	160	Economia	117	Vacina	620	Mãe	118	Tempo	97	Polícia	236
Estudo	110	País	116	Gripe	467	Amor	79	Negro	64	Pedra	103
Exercício	102	Renda	111	Campanha	387	Filhos	74	Língua	57	Assalto	98
Doença	98	Benefício	93	Imunização	380	Namoro	74	Morace	50	Preso	96
Vitamina	90	Populacional	77	Saúde	222	Pai	64	Aprender	48	Aposentado	96
Pesquisador	80	Social	71	Meta	172	Diz	61	Preconceito	43	Mendonça	91
Efeito	77	Previdência	66	Secretaria	157	Amigos	61	Comunicar	38	Silva	90
Paciente	72	Milhão	58	Ministério	152	Acham	56	Coisas	36	Serra	89
Tratamento	59	Aposentadoria	55	Estadual	143	Filhos	56	Objetos	36	Caso	82
Câncer	58	Salário	52	Posto	119	Gosto	55	Realidade	35	Paes	82
Universidade	57	Governo	48	Vírus	114	Querem	54	Gisele	33	Vitima	82
USP	50	Pagamento	48	Pneumonia	114	Feliz	54	Palavra	33	Maria	80
Pode	50	Crescimento	45	Ribeirão	91	Vida	53	Expressão	33	Zona	77
Atividade	49	Política	44	Idosos	88	Gente	53	Julgar	30	Machado	77
Causa	48	Imigrante	44	Municipal	87	Ouvir	45	Sabedoria	30	Delegado	77
Clínica	48	Demografia	42	Vacilados	86	Fonda	43	Diferente	30	Acusado	77
Músculo	48	Gastos	41	Vigilância	72	Missa	43	Tenho	29	Fundação	65
Demência	48	Programa	41	Gratuita	67	Vou	24	Leitura	28	Dona	64
O QUE CIÊNCIA E GOVERNO TÊM FEITO						O QUE OS IDOSOS TÊM VIVENCIADO					

Figura 1 - Dendrograma gerado pelo software Alceste.

Eixo I: O que Ciência e Governo têm feito (Classes 1, 3 e 6)

A “Classe 1” compreende as pesquisas científicas realizadas sobre processo do envelhecimento humano e suas implicações, mais especificamente em relação à saúde e à doença. Em outras palavras, refere-se às contribuições que a ciência vem oferecendo para essa parcela crescente da população. Assim, são apontadas algumas enfermidades associadas à velhice, tais como a doença de Alzheimer, a demência, a depressão, hipertensão, a osteoporose, o câncer, o mal de Parkinson, a diabetes etc., associadas às explicações das causas e fatores que favorecem o surgimento dessas patologias e seu funcionamento do ponto de vista orgânico, bem como as possibilidades de prevenção e tratamento.

Em complemento, é salientada a importância da prática de exercícios físicos, atividades e hábitos (uso de vitaminas e alimentação saudável, por exemplo) que proporcionem aumento da qualidade de vida, prevenindo, reduzindo e/ou retardando os riscos em se adquirir enfermidades tipicamente associadas à degeneração do corpo, ou mesmo evitando o agravamento dessas condições. Tal degeneração é claramente ilustrada nessa classe que destaca a importância da prática de atividades que fortaleçam os ossos e a musculatura, que, com o passar da idade, tornam-se frágeis e mais propensos a fraturas.

Nessa perspectiva, Motta (2002) afirma que no imaginário social o envelhecimento está associado ao desgaste, limitações crescentes e perdas, tanto

físicas como de papéis sociais, constituindo, assim, um processo referente à "natureza", cuja trajetória finda-se com a morte. De acordo com a autora, essas expressões não circulam apenas no cotidiano, mas também no campo científico, no qual os corpos dos idosos são cada vez mais loteados pelas especialidades médicas e afins. Nesse sentido, o corpo dos velhos é comparado e manipulado para se aproximar ao modelo vigente de corpo belo e jovem, através de uma série de artifícios, como "alimentação saudável", exercícios físicos acompanhados por orientação especializada, dança de salão, moda mais jovem, dentre outros. Essa questão pode ser exemplificada no seguinte trecho:

> Aprenda a driblar a velhice. Dermatologista Shirlei Borelli ensina, em livro, como fazer para atrasar o relógio biológico e garantir bem-estar. Embora o envelhecimento seja um processo irreversível, o ser humano tem um universo variado de opções para enfrentar a passagem dos anos com qualidade de vida e bem estar (Matéria 4, Jornal do Commercio).

Nessa matéria é evidenciada a ideia de "driblar a velhice". Ou seja, medicina e ciência, aparententemente, estão a servico da negação ou evitação da velhice, que continua a ser algo negativo, mesmo quando se colocam as descobertas que melhoram a qualidade de vida dos idosos.

Já o discurso reunido na "Classe 3" trata da repercussão do crescimento demográfico da população idosa na economia e política do país. Ou seja, o aumento dos brasileiros idosos demanda investimentos governamentais do ponto de vista político e econômico no intuito de oferecer condições de vida ideais àqueles que trabalharam e contribuíram com o país durante sua vida. Representa, assim, as matérias que tratam principalmente do envelhecimento da população, da Previdência Social e aposentadoria.

Em continuidade à classe anterior, a "Classe 6" diz respeito às ações governamentais em prol da saúde dos idosos, mais especificamente. Assim, o discurso apresentado gira em torno dos programas e campanhas desenvolvidos pelo governo para proporcionar o cuidado à saúde dos idosos, preocupando-se em oferecer um atendimento gratuito a eles. As campanhas de vacinação contra gripe destacam-se dentre tais ações, principalmente como prevenção ao vírus influenza, desencadeador da gripe, epidemia no ano de 2009.

Segundo Sousa et al. (2002), apesar do avanço legal, a sociedade brasileira ainda evidencia o impacto e o ônus da população idosa na previdência e setor saúde em suas discussões relacionadas ao envelhecimento da população.

Também são destacadas nessa classe as matérias que abordam as limitações da saúde pública no atendimento às demandas, necessitando assim de um maior investimento e organização no setor de saúde. Esse tipo de falha de assistência do governo também é denunciada na Classe 3, revelando que a previdência não funciona como o discurso do Ministério da Previdência Social garante.

As matérias analisadas destacam que após a aposentadoria o idoso não possui tranquilidade financeira para levar uma vida estável, tendo que trabalhar para a sobrevivência, ou sem condi-

ções de subsistência mínima (MATTOS; FERREIRA, 2005). Desse modo, pode-se dizer que, apesar de refletir o panorama mundial, o envelhecimento no Brasil engloba algumas peculiaridades, visto que a melhoria das condições de vida dos indivíduos, percebida nos países desenvolvidos, ainda não é plenamente vivenciada pelos brasileiros, ou seja, muitos deles vivem por mais tempo hoje, sem dispor, necessariamente, de melhores condições socioeconômicas ou sanitárias.

Pensando nesse primeiro eixo, percebe-se que, apesar das falhas em atender a esse público específico, existe um contingente significativo de matérias que revela o interesse no tema aqui estudado, seja através do desenvolvimento/aperfeiçoamento de um conhecimento científico sobre o envelhecimento, seja através da criação de planos governamentais dirigidos aos que envelhecem. Pode ser visualizado o lugar de destaque, proposto por Araújo et al. (2005), que a velhice vem ocupando no rol das discussões científicas e governamentais, preocupados em oferecer um envelhecimento ativo e bem-sucedido aos idosos.

No entanto, pode-se dizer que as notícias dos jornais analisados representam o envelhecimento como uma fase de perdas (perda da saúde, da juventude do corpo, da força do trabalho, da independência financeira etc.) objetivado nos avanços no campo da ciência e saúde, e na criação de campanhas e programas governamentais, que buscam amenizar os impactos de tais perdas. Tais represenções ainda ancoram-se nas antigas crenças acerca da velhice, concebida como um período de impossibilidade de desenvolvimento, mas de crescente desorganização e deteriorização.

Eixo 2: O que os idosos têm vivenciado (Classes 2, 4 e 5)

Os discursos agrupados na "Classe 2" centralizam-se nas relações afetivas vivenciadas na velhice. Tratam, assim, das relações dos idosos com seus familiares, com os filhos, netos e cônjuges, envolvendo ainda a temática do abandono. As experiências amorosas são mencionadas, como o namoro, o casamento e o sexo, assim como as relações de amizade entre os idosos. O incentivo ao estabelecimento de vínculos sociais surge associado à promoção da saúde na velhice. A Classe 2 faz referência aos chamados "grupos de terceira idade", nos quais os idosos realizam atividades e frequentam locais conjuntamente, tais como teatro, bailes da terceira idade, cinema, clube etc. amenizando, dessa forma, o isolamento e a solidão, comuns nesse período da vida.

Segundo Minayo e Coimbra Jr. (2002), a chamada terceira idade se estabelece como uma categoria social que designa o envelhecimento ativo e independente, sendo composta por uma população cujas condições econômicas permitem a "ociosidade criativa" e a prática de múltiplas atividades físicas e culturais. Ratifica-se, assim, a busca atual por uma velhice mais ativa, que leva em consideração a vontade de se relacionar, os gostos e os sentimentos dos idosos. Como reflexo disso, a classe destaca alguns sentimentos de cunho positivo como amor, alegria, felicidade e esperança.

Também relacionada com a Classe 2, a Classe 4 aborda o avanço da idade como sinônimo de “experiência”. O tempo aparece como fator de aprendizado e aquisição de sabedoria, que propicia um olhar, uma expressão diferente sobre o mundo; remete-se aos valores, memórias e conquistas da velhice. Segundo Baltes e Smith (1995), a sabedoria reflete extenso conhecimento e experiência, sendo a experiência ao longo da vida uma de suas condições necessárias, e sua ênfase está relacionada com a busca dos aspectos positivos do envelhecimento humano.

Assim, percebe-se que a imprensa também faz circular representações da velhice cujo conteúdo também engloba elementos positivos, ao apontar para a possilidade de estabelecimento de novos vínculos afetivos e aquisição de novos conhecimentos, assim como a partir do resgaste e valorização daqueles adquiridos no percurso da vida.

Tais representações veiculadas refletem uma importante mudança ideológica ocorrida em meados dos anos 1960, que deu origem à expressão “envelhecimento bem-sucedido”, que consistia em considerar que a velhice e o envelhecimento não são sinônimos de doença, inatividade ou uma retração geral do desenvolvimento humano. Desde então, a gerontologia passou a investigar também os aspectos positivos da velhice, o potencial para desenvolvimento e, principalmente, a heterogeneidade associada a esse processo (NERI, 2003 apud LUZ; AMATUZZI, 2008).

Nessa perspectiva, Santos (1990) e Luz e Amatuzzi (2008) referem que o envelhecimento não implica necessariamente aspectos negativos como perdas, doença e afastamento. O idoso tem potencial para mudar as situações de sua vida e a si mesmo e tem muitas reservas inexploradas. Os idosos podem se sentir felizes, realizados e atuantes em seu meio social.

Por outro lado, os mesmos autores admitem que muitos idosos enfrentam circunstâncias de vida não favoráveis à expressão de felicidade, tais como: privação econômica, isolamento social, perda de amigos, doenças crônicas e a falta de recursos para uma vida ativa e saudável.

Essa questão está associada com o caráter heterogêneo do processo do envelhecimento, ou seja, cada indivíduo vivencia isso de determinada forma, considerando sua história de vida, bem como gênero, contexto socioeconômico etc. Existe, assim, uma parcela da população idosa, geralmente mais favorecida socioeconomicamente, que de certa forma se beneficia com o esforço da ciência, medicina e governo de proporcionar qualidade de vida e bem-estar aos idosos, possibilitando a vivência de um envelhecimento bem-sucedido. Todavia, existe um grande contingente de idosos que vivencia uma realidade completamente diferente dos moldes ideológicos de um envelhecimento caracterizado por aspectos positivos, sendo excluídos, discriminados e violentados.

Refletindo essa realidade, a Classe 4 também fala de dificuldades vivenciadas pelos idosos, como o preconceito e a solidão.

> Tenho visto inúmeros idosos com olhares distantes, sem brilho, como se fossem chamas prestes a se apagar. Sintonizam-se apenas com o passado e as lembranças que lhes são mais caras. Um modo de sobreviver e tornar o fardo mais leve. Quando conversamos com eles, notamos que a solidão é a causa maior da tristeza estampada em sua face enrugada. A ingratidão, o egoísmo e a falta de paciência dos parentes, que se cansam de responder quatro, cinco vezes à mesma pergunta, ou ajudá-los a andar, se alimentar, os deixam relegados a segundo plano. (Matéria 84, Jornal de Commercio)

Essa matéria apresenta a velhice como algo negativo, como um “fardo” não só para o idoso, mas para a sua família, que é a principal responsável pela promoção de seus cuidados. Existe assim uma forte relação de dependência, por vezes abalada, quando a família se recusa a ser a cuidadora e encarrega a outros essa função, ou quando desempenha essa função a “contragosto”. A matéria chama atenção para a necessidade de se respeitar os idosos, fundamentada, principalmente, na gratidão àquilo que eles já foram: modelo a ser seguido e cuidadores.

Em continuidade a essa temática está a Classe 5, que trata especificamente da violência contra os idosos, que surge como alvo de destaque em notícias policiais, em casos de assalto, agressão, fraude, acidente. A delegacia aparece como um ambiente recorrente onde as denúncias ocorrem. O idoso é vítima da violência da sociedade e da própria família, sendo também relatados os casos de maus-tratos por parte dos cuidadores, seja em domicílio, seja em instituições de longa permanência. O discurso reflete a vulnerabilidade do velho, que, devido a sua possível fragilidade e dependência dos outros, é um alvo fácil da violência.

De acordo com Minayo (2004), a violência contra o idoso é um problema cultural e consequência do não investimento do governo e da família do idoso. No Brasil, as violências e os acidentes constituem 3,5% dos óbitos de pessoas idosas, ocupando o sexto lugar na mortalidade, dos quais (66%) são de homens e (34%), de mulheres. A população é vítima de violências em todos os setores, e o idoso, por sua fragilidade, é discriminado pela sociedade adulta e jovem, sofrendo abusos, maus-tratos ou violência física, psicológica e sexual, bem como abandono, negligências, abusos financeiros e autonegligência (MINAYO, 2004).

Assim, apesar de existir uma proposta de mudança ideológica que não considere a velhice apenas como período de perdas, desgastes e incapacidades, mas também de desenvolvimento, sociabilidade, sabedoria, ressaltando, assim, aspectos positivos do envelhecimento, pôde-se perceber nas notícias veiculadas pelos jornais analisados que a representação social da velhice ressalta aspectos predominantemente negativos, como doença, pobreza, abandono, preconceito, violência etc.

Essas representações expressam os valores contraditórios relativos aos idosos na sociedade brasileira (SANTOS, 1990; MINAYO, 2004). O envelhecimento, na maioria das vezes, é visto de modo negativo, mantendo e reproduzindo a ideia de que o valor de uma pessoa está no quanto ela produz e ganha. Por isso, os mais velhos são marginalizados e considerados “inúteis” ou “pesos mortos”,

já que se encontram fora do mercado de trabalho e, em sua maioria, sobrevivem de uma pequena aposentadoria. Por outro lado, há também uma visão positiva proveniente da consciência e valorização do idoso por sua história, sabedoria e contribuição às famílias e à sociedade.

Pode-se dizer que, de modo geral, nesse segundo eixo as representações circulantes expressam o modo como os idosos vivenciam sua velhice. Algumas matérias revelam aspectos positivos do envelhecimento, objetivados no idoso ativo, sociável, inserido nos grupos de terceira idade, com vida sexual, envolvido em atividades culturais e disponível para conhecer novas pessoas e estabelecer novos vínculos afetivos. Em outras matérias, a velhice emerge associada a aspectos negativos. Tais matérias retratam a imagem de um idoso frágil, desprotegido, dependente, vitimizado, que sofre diferentes tipos de violência por parte da sociedade e não é respeitado por sua idade avançada.

Considerações Finais

Em suma, os jornais analisados no presente estudo tratam da velhice na contemporaneidade: o que é e como é envelhecer hoje, com o que os idosos se deparam. Os textos jornalísticos tratam de um envelhecimento acompanhado pelo avanço tecnológico e científico que busca prolongar a longevidade e melhorar a qualidade de vida dos idosos. Ao mesmo tempo, evidencia-se que o crescente envelhecimento da população designa atribuições e custos ao governo, que oferece uma assistência insatisfatória.

Por outro lado, são abordadas as diferentes formas de se conceber a velhice: ora como uma categoria referenciada no passado, pensando nas aquisições possibilitadas pela experiência de vida, ora remetendo-se ao presente, ressaltando-se a possibilidade de se vivenciar novas experiências através de um envelhecimento mais ativo. Por fim, o idoso aparece também como vítima da violência social, manifestada no preconceito, no abandono, nos maus-tratos etc.

O fato de a velhice ser tratada dessa maneira aponta para a circulação de uma representação que enfatiza as perdas que são consideradas negativas. Assim, medicina e ciência trabalham no "resgate" à saúde e juventude, ao passo que o governo desenvolve ações que compensem a perda da força de trabalho e consequente capacidade de sobrevivência. As denúncias dos casos de violência ainda refletem a perda da capacidade de autodefesa e autoproteção. Ao mesmo tempo, os grupos de terceira idade emergem como espaço de estabelecimento de novos vínculos sociais, substituindo aqueles que foram rompidos, assim como ambiente de realização de atividades, no intuito de preencher um tempo antes destinado ao trabalho. A valorização da sabedoria inerente ao envelhecimento ancora-se na proposta de mudança ideológica no sentido de evidenciar o caráter positivo de envelhecer, considerando a naturalização deste como algo ruim. Pode-se inferir que tais representações apontam para um processo de mudança no modo de se conceber a velhice, visto que, ora ancoram-se em aspectos biológicos (perdas físicas, por exemplo), ora em aspectos sociais (busca por velhice ativa).

Considerando esse processo de mudança, é importante discutir a abolição do termo *velho* na imprensa jornalística e o uso predominante do termo *idoso*. Buscou-se matérias que tratassem do envelhecimento a partir das palavras-chave velho, velhos, velha, velhas. No entanto, observou-se a ausência de matérias que fizessem referência ao tema em questão associadas a esses termos, que eram utilizados como adjetivo que designava algo antigo, e não mais como desiginação para um sujeito de idade avançada. De acordo com Sousa (2006), "no Brasil, a conotação do vocábulo 'velho' apresenta uma ambigüidade, podendo ter um sentido afetivo ou pejorativo, distinguindo-se o seu emprego conforme a entonação ou o contexto em que é utilizado" (p. 11). Até a década de 1960, os documentos oficiais brasileiros e a literatura técnica registravam o termo "velho", o qual, influenciado por tendências europeias sobre a mudança na imagem da velhice, foi sendo substituido pela noção de "idoso". Esse termo, apesar de já existente, era pouco utilizado e marcava um tratamento mais respeitoso. Segundo Martinez (1997, apud SOUSA, 2006), a palavra "velho" passou a ser considerada politicamente incorreta, por estar associada à ideia de coisa inútil ou imprestável. O discurso midiático, portanto, reflete essa mudança histórica e cultural, abolindo o tratamento *velho*, o que se relaciona, como mencionado, como mais um esforço em mudar a valoração negativa e carregada de estereótipos em torno da velhice.

Por fim, considerando-se a ampla cobertura da mídia escrita acerca dos fatores relacionados ao processo do envelhecimento, vale retomar a importância da comunicação social na construção e/ou difusão de uma representação social. Nessa perspectiva, Jodelet (2001) aponta a mídia como determinante na construção de dada representação, na medida em que favorece processo de influência e manipulação social. Assim, os discursos veiculados em jornais de grande circulação, como os analisados, são impregnados de significações e possibilitam substituir teorias espontâneas, incidindo no pensamento social.

Ao mesmo tempo, a mídia também é influenciada pelas trocas informais. Ou seja, além de possibilitar a emergência de novas representações sociais, ela também reproduz representações já circulantes na sociedade.

The old age in the press: a study in social representations

Abstract:

The old age is currently seen as a multifaceted socio-historical construct, as it involves several dimensions (chronological, biological, social, economic and cultural). There has been imposed itself as an important milestone in the life cycle, being an object of public policy, scientific research, the phenomenon of everyday conversation and media. This article objective the purpose of analyzing wich social representations are being transmitted by two newspapers about the old age. The procedures of that study is characterized as a documental research, based in the analyzes of 231 articles published by Folha de S. Paulo and Jornal do Commercio, from January to June 2009, which referred to the issue. The data were analyzed through the software ALCESTE and with a thematic analyzes of

content. The results point to the circulation of representations of old age as a period marked by highly losses, objectified in the search for relieves them, as well as to a process of change in the way of conceiving it, sometimes anchored in biological aspects, sometimes in social aspects. The wide coverage in newspapers about this subject confirms the role of media in the construction and dissemination of social representations.

*Keywords***:** Aging. Media. Old age. Representation. Social.

Referências

ALMEIDA, A. M.; SANTOS, M. F. S. O envelhecer: teorias científicas x teorias populares. *Revista Psicologia,* Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 311-326, jul./dez. 2002.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARVALHO, V. A. M. L. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 118-131, mar. 2005.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; SALDANHA, A. A. W. Análise comparativa das representações sociais da velhice entre idosos de instituições geriátricas e grupos de convivência. *Revista Psicologia,* Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 197-204, maio/ago. 2005.

BALTES, P. B.; SMITH, J. Psicologia da sabedoria: origem e desenvolvimento. In: NERI, A. L. (Org.) *Psicologia do envelhecimento:* temas selecionados na perspetiva de curso de vida. Campinas, SP: Papirus, 1995, p. 41-75.

JODELET, D. (Org.) *As representações sociais.* Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001. p. 17-44.

LUZ, M. M. C; AMATUZZI, M. M. Vivências de felicidade de pessoas idosas. *Estudos de Psicologia,* Campinas, v. 25, n. 2, p. 303-307, abr./jun. 2008.

MACIEL; A. T. B.; TAAM, R. A velhice como espetáculo. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, Maringá, v. 29, n.1, p. 57-62, 2007.

MATTOS, R. M.; FERREIRA, R. F. O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado; *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 23-32, jan./mar. 2005.

MINAYO, M. C. S. *Violência contra idosos: o avesso de respeito à experiência e à sabedoria.* Brasília; Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, M. C. (Org.) *Antropologia, Saúde e Envelhecimento.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 11-24, 2002.

MOSCOVICI, S. *A Representação Social da Psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOTTA, A. B. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A (Org.) *Antropologia, Saúde e Envelhecimento.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p. 37-49.

NERI, A. L. (Org.) *Psicologia do Envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida.* Campinas: Papirus, 1995. 276p.

SANTOS, M. F.; BELO, I. Diferentes modelos de velhice. *Revista Psicologia*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 31-48, 2000.

SANTOS, M. F. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: E.P.U., 1990, 88 p.

SOUZA, E. R. et al. O idoso sob o olhar do Outro. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR, C. E. A. (Org.). *Antropologia, envelhecimento e saúde.* Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 191-209.

SOUSA, K. C. D. N. Construindo a identidade do idoso: de ator político a sujeito de direitos especial ou identificado. In: CONPEDI. (Org.). *Anais do XV CONPEDI***.** Manaus: Fundação Boiteux, 2006.

UCHÔA, E.; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. F. de; Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, M. C. S; COIMBRA JR, C. E. A. (Org.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento.* Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 25-50.